

★ TEATRO E SOCIEDADE: NOVAS PERSPECTIVAS DE HISTÓRIA SOCIAL DO TEATRO

Giovani José da Silva

Doutor em História e Mestrando em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH)

BRANDÃO, Tania; GUSMÃO, Henrique; ALEIXO, Valmir (orgs.). **Teatro e sociedade**: novas perspectivas de história social do teatro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021. 312 p.

A História do Teatro, e mais particularmente a História do Teatro brasileiro, tem reclamado por obras que (re)pensem com maior profundidade as relações entre teatro e sociedade em suas dimensões sincrônica e diacrônica. A busca por tais relações envolve múltiplos caminhos, que vão desde as formas históricas da poética até as condições históricas da recepção. Afinal, historiadores de teatro se veem às voltas com artistas, peças, palcos, plateias e (por que não?) a imprensa. Esses temas compõem o mosaico formado pelos 16 capítulos que fazem parte da coletânea *Teatro e sociedade*: novas perspectivas de história social do teatro, lançada em 2021 pela Editora 7Letras.

Organizada por Tânia Brandão, Henrique Gusmão e Valmir Aleixo – professores e pesquisadores do Rio de Janeiro –, a obra expressa a preocupação central do Grupo de Pesquisa de História do Teatro Brasileiro (GPHTB), um conjunto de estudiosos da área oriundos de diferentes regiões do país. A partir de um colóquio organizado pelo Grupo, concebido para reunir especialistas internacionais, pesquisadores brasileiros e jovens pós-graduandos, a coletânea cumpre o papel de lançar o desafio de atrair mais estudos/ pesquisas para a afirmação de uma nova História do Teatro no país. Pode-se afirmar que ao longo de suas mais de 300 páginas o objetivo da organização do volume é plenamente atingido.

Teatro e sociedade encontra-se dividida em 4

partes – Teatro, imprensa e composição do público; A construção da figura dos atores no mundo social; A construção dramaturgica em tensão com seu tempo; Contribuições de autores estrangeiros –, sendo as três primeiras precedidas por apresentações escritas por cada um dos organizadores (pela ordem: Aleixo, Brandão e Gusmão), responsáveis, também, pelo prefácio. Trata-se de um instigante inventário da fortuna dos estudos empreendidos pelo GPHTB ao longo das primeiras décadas do século XXI. É, de certa forma, um alerta de que as lembranças das relações e das condições que tornaram possível a montagem e a recepção de determinado espetáculo poderão estar irremediavelmente apagadas sem o trabalho de historiadores(as).

Assim, a Parte 1 reúne quatro textos voltados à compreensão das relações entre teatro, imprensa e público. Mônica Pimenta Velloso, em “*Para ser visto das torrinhas*”; imprensa, teatro e publicidade na Belle Époque carioca, discorre sobre o modelo de crítica popular surgido nos cartazes em cores da revista *O Mercúrio*, na virada dos séculos XIX e XX. No texto seguinte, “Para além do tablado: o público e a ordem no período regencial”, Orna Levin concebe o Teatro Constitucional Fluminense como ponto de encontro e centralidade da ação política na primeira metade do XIX.

Thiago Herzog, por sua vez, trata do teatro *yiddish* no Brasil, com Voltar para yiddishland: o teatro *yiddish* no Brasil. O autor apresenta como fundamental a função que o teatro desenvolveu ao

conectar o público da comunidade judaica à memória e ao reconhecimento de suas origens históricas. Finalmente, Valmir Aleixo Ferreira (também organizador da coletânea) apresenta em Uma coisa puxa a outra: público, beijo e enquete na *Estação Theatral*, as estratégias do periódico *A Estação Theatral* na formação de uma opinião pública a respeito das audiências e dos palcos.

Três textos compõem a Parte 2 – Amores perdidos: o teatro brasileiro e a *figura social* dos autores; A presença do rapsódico na dramaturgia, na encenação e no desempenho atoral; Atuar é acreditar? Stanislavski e americanos na Bahia dos anos 1950 –, todos voltados à compreensão da construção da figura dos atores. No primeiro, Tânia Brandão discorre sobre a pesquisa a respeito do lugar dos atores no teatro brasileiro. Já no segundo, de autoria de Luís Artur Nunes, demonstra-se a existência do ator narrador, do ator rapsodo, em contraposição ao primado do ator dramático. O último capítulo dessa parte, de Jussilene Santana, remete aos estudos a respeito da técnica dos atores brasileiros no século XX.

A terceira parte possui cinco capítulos, de autorias de Diógenes André Vieira Maciel (Da dramaturgia como documento para a história de um espetáculo: (im)possibilidades e dilemas); de Henrique Buarque de Gusmão (Textos, atrizes e públicos: Uma proposta de leitura das personagens *Geni* e *Neusa Sueli* a partir da estrutura de suas peças e do campo teatral no momento de suas produções); de Fabiana Fontana (Cultura teatral e práxis dramática: o *Romeu e Julieta* do TEB); de Marcus Frisch (Viktor Slavkin e Anatóli Vassíliev: teatro e dramaturgia na luz pálida da *Perestroika*); e de Luiza Laranjeira da Silva Mello (Shakespeare, entre o epos e o romance). Todos eles referem-se às tensões entre dramaturgias e seus tempos. Maciel, Gusmão e Fontana propõem articulações entre textos dramáticos diversos e a “cultura teatral”. Já Frisch e Silva Mello dedicam-se a relações da dramaturgia com aspectos mais amplos da vida social.

A Parte 4, a última, não possui apresentação como as demais e se trata de contribuições de autores estrangeiros. O franco-romeno Georges Banu (em tradução de Norma Blum) trata, em O diretor de teatro e o desafio do exílio, dos impactos da expatriação (incluindo partidas e regressos) sobre responsáveis pela direção teatral. Jean-Claude Yon (em tradução de Lúcia Maia), historiador francês, escreve em Espectáculos e imprensa na França do século XIX a respeito da história cultural francesa no século XIX, propondo o conceito de “dramatocracia”.

Já o argentino Jorge Dubatti (em tradução de Carolina Virgüez e revisão de Tarlis Almeida) explora ideia de transformações operadas na forma de pensar a expectativa teatral na Argentina contemporânea, além do desenvolvimento das Escolas de Espectadores, em O trabalho social e cultural com os espectadores, agentes fundamentais do campo teatral e sujeitos de direitos. No último capítulo, dessa parte e da coletânea, o italiano Gabriele Sofia (em tradução de Henrique B. Gusmão e Tânia Brandão) refere-se ao gesto teatral e suas ressonâncias na cena, em Migração do gesto – O “salto” de Giovanni Grasso: das marionetes a Meyerhold.

Em resumo, *Teatro e sociedade*: novas perspectivas de história social do teatro apresenta a História do Teatro como um campo de estudos novo e, conseqüentemente, um campo mutável e em formação. Além disso, coloca à disposição de leitores e leitoras, interessados na temática, mais de uma dezena de textos instigantes que provocam a reflexão de que “a arte da cena acontece no imaginário e, apesar de todas as tramas reais que a tornam possível, o seu registro pode ser apenas o eco do encanto” (trecho do texto da contracapa). Trata-se, portanto, de obra coletiva necessária e potente, sobretudo nos cursos de licenciatura e bacharelado em Teatro/ Artes Cênicas e de pós-graduação na área.